

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-17  
(PRESENCIAL): ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: OS SABERES DAS  
MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO BRASIL

**ENTRE O MATERNAR E O SUBCUTÂNEO: A ESCRITA POÉTICA COMO  
ESPAÇO COLATERAL DE REINSCRIÇÃO DO CUIDADO EM LUCIENE  
CARVALHO**

*Jorge Augusto Dos Santos Barbosa (jorges.barbosa3@gmail.com)*

Este trabalho objetiva analisar o poema “O melhor do meu amor”, presente em Na pele (2020), de Luciene Carvalho, investigando como a maternagem negra se configura como eixo estruturante de uma Poética Subcutânea que articula memória, ancestralidade e resistência, em um contexto marcado por violência estrutural, racismo e negações históricas do direito de maternar. A pesquisa decorre da necessidade de compreender como mulheres negras elaboram, pela escrita, práticas maternas atravessadas por opressões interseccionais, produzindo contranarrativas que desestabilizam o modelo patriarcal de maternidade. Dessa forma, concentra-se em abarcar de que modo “a filha que nunca tive” adquire existência e humanidade na linguagem poética, sendo gestada pela poeta num movimento que transforma o texto em corpo simbólico e pele testemunhal. A fundamentação teórica mobiliza o conceito de maternagem/mothering (Ruddick, 1989; Mendonça, 2021), que contrapõe ações maternas contínuas à noção normativa e biológica de maternidade/motherhood (Rich, 1976); a teoria do “Eu-pele” (Anzieu, 1985), que ilumina a constituição subjetiva a partir do vínculo sensorial; reflexões psicanalíticas sobre a função materna (Suy, 2022); além das perspectivas da

maternagem negra e suas tensões intergeracionais (Collins, 2019) e da escrita como encontro com a própria pele e ancestralidade (Almeida, 2023). A metodologia adotada é a análise literária de base psicanalítica e interseccional, observando imagens corporais, movimentos enunciativos e a projeção da voz poética que se reconhece simultaneamente mãe e filha, instaurando uma zona colateral de consciência e cuidado. Com isso, percebe-se que, ao negar o nascimento da filha no plano concreto, a eu-poética reinscreve sua existência no campo simbólico, convertendo a escrita em espaço de gestação e continuidade, no qual a poeta-mãe produz, na linguagem, afetividade que a realidade frequentemente inviabiliza. Assim, o texto poético de Luciene Carvalho evidencia uma estética-conceitual subcutânea que transforma a pele em arquivo político, inscrevendo a ascendência feminina negra e afirmando a literatura como dispositivo de resistência, preservação da memória e reinscrição do cuidado.

Palavras-chave: luciene carvalho; poética subcutânea; maternagem negra; ancestralidade.